

CARREFOUR
ORGAN DE LITERATURA INFANTIL
PIAUHY REDACTOR PROPRIETARIO - ANTONIO P. MOURA
REDACTORES E COLLABORADORES DIVERSOS **BRAZIL**
(NOVA PHASE)

ANNO IV

THERESINA, 24 DE FEVEREIRO DE 1915

NUM. 4

A CONSTITUIÇÃO

Sessenta e sete annos de monarchia e a unidade de regimen continuava incolume!

A queda da Bastilha, destruida pela machina pensante de philosophia franceza, as theorias de Tio Sam, correndo a panno solto, mundo a fora, tiveram echo estri-dente no coração do Brasil.

Um dia trarem-se as cortinas e atravez das sedas macias de um véu transparente e diaphano, appareceu o rosto rosado da deusa da Liberdade.

A questão politica que houve deu margem á revolução que se desencadeou no dia 15 de novembro de 1889. O facto porém de uma calculada transformação, não implica de modo algum, a ideia de involuntariedade. O Brasil quiz ser Republica, quiz a Republica e ella bateu á porta e deu-se-lhe hospedagem. Revoluções já tinha havido muito, mais de uma vez o sabio monarcha pôe observar por traz de um prisma de sangue o que se ia desenrolando em torno d'elle. Mas elle não desesperava: punia os trahidores, exilando-os ou lhes applicando o castigo merecido. Alma bôa de D. Pedro! Se elle era inconveniente, isto eu não o

sei. Cabe aos criticos dizerem

Mas como ia dizendo, com a Republica que era o sonho auri-verde dos politicos militantes, organizou-se a forma representativa. Politicava se, então. Trabalhava-se muito. Discutia se, discurseva-se e era grande o murmurio.

Afinal assentou-se o que, em parte, está literalmente assentado. Camélias brancas de amor cahiram do céu sobre a virgem dos olhos verdes, chamada de S. Cruz, ao tempo de Coutinho.

O dia 24 de Fevereiro foi então consagrado á commemoração da Constituição, que é uma fonte viva e inesgotavel de liberdade e justiça.

Isresposo.

AMOR E AMIZADE

Ao Lisboa Rodrigues

Eram seis horas da tarde!...

O astro-rei desaparecera ha pouco no horizonte, deixando atraz de si ua mancha furta-cor! Era um bello panorama. Um espectáculo sublime para um amador de paysagens!... N'uma das ruas da cidade, em uma casa solitaria, quasi deserta, esse espectáculo da natureza era olvidado e com justa razão: jazia enferma, prestes a expirar, a infeliz Leonor, tão jovem quão bella, contando apenas dezenove annos...

Reinava profundo silencio. O tempo voava, parecendo que cada tic-tac do relógio correspondia á uma hora. Os visinhos iam se retirando, aos poucos, ficando somente os mais

relacionados com a familia da enferma.

Depois do costumado *café da sentinella*, a corneta do velho quartel, annunciava com sua saudosa voz, o toque de silencio.

Os que estavam mais perto da cama, soltaram um grito de horror: Leonor, revirando os olhos e torcendo a bocca, mostrava que sua morte era proxima... Um rio de lagrimas correu, tangido por uma onda de soluços... Uma vela foi immediatamente accêza, mas, antes de ser collocada na mão da moribunda, eis que esta abre os olhos e, fitando a vela ainda accêza na mão de

A' IMPRENSA E AOS NOSSOS COLLABORADORES

Prevenimos aos nossos collegas de imprensa, que d'ora em diante esta folha não será mais endereçada ás suas redacções, unicamente por não sabermos se a nossa visita é retribuida. Os collegas, porem, que nos visitarem, terão decerto a nossa folha pontualmente.

—Aos nossos collaboradores que ainda não escreveram á nossa redacção, acceitando a incumbencia de colaborar nesta folha, avisamos tambem, que nesta data suspendemos a remessa da mesma folha.

Aquelles, porem, que até 15 de março vindouro derem satisfações a esse respeito, continuarão a receber a pontualmente.

A REDACÇÃO.

uma vizinha, parece dizer que naquella corpo quasi inanimado ainda existe um tenue sopro de vida. Fizeram o primeiro termo, como explicou uma velha que debulhava um rosario ao pé d'um crucifixo...

Entre os circumstantes, nota-se a um canto, silenciosa, uma joven de dezeseite primaveras, presumíveis, a melhor amiga da desventurada Leonor. Esta joven chama-se Zilda, e recorda talvez o tempo em que passejavam juntas, colheendo as florestinhas silvestres, sempre alegres e risosas, sem pensarem que a morte de uma dellas estava tão proxima.

Algumas horas depois de ter a ingrata Leonor, deixado os seus cá na terra, e ter ido viver entre os anjos, entra a modista trazendo um bello canto róxo, com o qual se embrulhará pela ultima vez, aquella que na terra foi objecto de tanto carinho.

Zilda, tomando-o, e mirando-o, cabiu de joelhos, exclamando:

Oh! Irmã de minh'alma! Amiga do meu coração! Leva-me contigo! Não sejas tão cruel! Não leves uma banda deste coração torturado! Leva-o todo!...

Oh! Tú que na terra foste tão caridosa, queres negar-me esta esmola! Oh! Leva-me...

E perdendo o equilibrio, cabiria redondamente no chão se as mãos vigorosas de um esbelto mancebo não a amparassem...

Os parentes de Zilda levaram-a para casa, onde passou o resto da noite em delirios, com grande febre.

As 9 horas da manhã, dirigia-se a passos lentos, para a casa de Leonor, um sacerdote, acompanhado a certa distancia pela banda de musica. Depois de terem chegado um por um, todos os convidados, sahio o enterro.

Ao passar pela porta de Zilda, a musica tocava ãa walsa tão commovente, que a infeliz redobrou os delirios...

Leonor... exclamava ella. Entra. Ninguem te impede. Amiguinha... e abrindo os braços para o tecto, Oh! Como sou feliz por estares novamente junto a mim! Ah!... Levas-me? Esperas um momento! Adeus Paulo! Meu adorado noivo! Perdões?... Leonor me leva! Adeus!... Adeus!... E, baixando os braços, sem tirar os olhos de Paulo, o desventurado noivo, morreu.

Paulo passou o resto do dia dando vertigens. Todos previam a morte do amante infeliz, sujeito á vontade e ao capricho da sorte.

Assim como o dia, foi tambem a noite; chamava sem cessar por Zilda e por Leonor, ameaçando á esta e pedindo perdão áquella.

Os medicos já tinham empregado todos os meios que poderam, para salvá-lo, porem tudo inutil, vindo a succumbir balbuciando resignadamente: Leo-nor... Zil-da...

Pela manhã do dia seguinte, os mesmos convidados que acompanharam Leonor e Zilda até a ultima morada, acompanhavam tambem o

PELA PATRIA



(Aos meus concidadãos)

Ao vêr-te, ó Patria em guerra, eu sinto-me impolluto,
Do teu pendão á frente, aurifulgente e forte!
Mais sigo-te orgulhoso, a teu favôr disputo.
Sem recuar-te um passo e nem temêr a morte.

• Por ti, serei Soldado e destemido e bruto,
No campo de batalha a defendêr-te a sorte,
Embora, que a granada, o projectil soluto,
Rebente sôbre mim e me estraçalhe e córte...

Mas, dentro do combate, ante o estilhaço infame,
Hei de punir-te a causa em face da desdita,
Contra qualquer hostile que o teu pudôr difame!...

—Hei de seguir-te, ó Patria, em timbre deste pleito,
A' busca da Allemanha—a Genese maldita,
Emquanto inda pulsar-me o coração no peito...

F. BRILHANTE.

Fortaleza, 11—1917.

(Do livro—«Anthélios»—Inédito).

desventurado Paulo, victima de sua paixão, e que ia unir se eternamente á amiga inseparavel e á noiva estremecida!...

Aracy.

COELHO NETTO

Coelho Netto, o grande litterato maranhense, actualmente deputado federal por aquelle Estado, acaba de receber por parte dos mandões da terra que lhe deu berço, a mais tremenda e mesmo horripilante bofetada, que é, a exclusão do seu nome da chapa, para as proximas eleições.

Coelho Netto, que tudo tem feito para o engrandecimento do Maranhão, não merecia ser excluido dessa chapa, porque, além de ter empregado bastantes esforços por aquelle Estado, é mais uma estrella que brilha, lá no Rio, glorificando e honrando assim o nome ma-

ranhense, na alta camara do Paiz.

Não se conformando pois, o grande maranhense, com essa prova de infidelidade de alguns dos seus conterraneos, vem agora, o mesmo, amparado pela colonia maranhense no Rio e pela promessa de alguns amigos que lhe apreciam nos diversos municipios daquelle Estado, pleitear a sua reeleição á uma cadeira pelo mesmo Estado.

Acreditamos que o distincto maranhense, alcançará victoria e para isso fazemos votos ardentes ao Omnipotente, ao mesmo tempo protestamos contra tamanha injustiça praticada pelos politicos d'alli.

Ao que ouvimos, este illustre litterato depois que assistir as eleições proximas, em Caxias, chegará em visita a esta capital, onde a nossa «Academia P. de Letras» prepara-lhe uma simples, porem sincera manifestação de admiração.

☛ GALERIA DAS MUSAS ☛

Loin de toi

Estou longe de ti, nem ouço por ventura
A tua voz baixinha e doce a me chamar,
Estou longe de ti, moro na desventura!
Longe de meu amor e longe de te amar.

O silencio da noite e a mansidão do luar,
Fazem-me lembrar de ti e minh'alma de tortura
Anda tristonha, assim perdida a soluçar,
Procuras meu amor, teu amor me procura.

Minha tristeza é immensa e resistir quem hade
Quem julgará que o amor que móra entre nós dois
Rompa dum jacto só a estrada da saudade.

E'engano talvez, porque o amor que em mim móra
E' o amor que amanhã ou mesmo que depois
Vá em breve espalhar affecto lá por fóra.

Moura Soares.

Soluços do coração

A' Antonio P. Moura (Pintasilgo).

Longe dos meus, soffrendo agra saudade,
Levo a pensar nos tristes desconfortos,
Porque já tenho os meus carinhos mortos,
D'aquella deusa, filha da impiedade!

Sozinho apenas, soffro sem piedade,
Mas, para que na vida ter desgostos,
Não tenho em pensamento os olhos postos,
Em minha mãe um archanjo de bondade!

Ella, junto de mim contente veio,
Em sonho me pegava, me abraçava
Dava-me vida em seu materno seio!

Depois os olhos para o céu virando,
Preces erguendo a Deus, por mim rezava,
E eu lhe acompanhava suspirando!

Lincoln F. Guimarães.

Mandos—31—1—918.

SERMÕES.—Com grande concurrencia,
tem o nosso bem amado bispo D. Octaviano
pregado o evangelho na igreja de S. Benedicto,
aos domingos, ás 7 horas da noite.

Hoje continuará S. Revma. á pregar, e assim,
durante a Quaresma.

Experiencia de amor

Ella me fez só por gracejo um dia
Um cartão; mas gracejo tão pesado,
Que renovando as maguas do passado,
Minh'alma uma tristeza atroz, sentia.

Não pretendo trazer-vos enganado,
Horriavel phrase no cartão eu lia.
Já tenho um outro amor,—no fim disia:
Pode ficar de mim já despachado.

Senti neste momento, o coração
Em milhões de pedaços dividir-se,
Tinha no cerebro uma confusão.

Corri a procural-a até que emfim,
Encontrei-a á sorrir, que então me disse;
Foi um gracejo, não se assuste assim.

Torres Costa.

O Colibri e a Rosa

Ao amigo Raymundo R. Monteiro.

Eú sou o terno Colibrí que esvoaça,
Tu és a Rosa tremula, nervosa.
E canta a Rosa se o Colibrí passa,
Mas logo foge pallida medrosa.

E quando á tarde o Beija-flôr perpassa,
Louco de amor a suspirar por Rosa,
A linda Flôr cheia de aroma e graça
Corre ligeira, timida, mimosa.

E o Colibrí pergunta ás outras Flores
—Porque razão a Deusa dos amores
Não corresponde as suas pretenções?

E ellas disseram logo ao Passarinho:
—«Aquella Rosa tem um grande espinho
Para ferir os pobres corações»!

João Ramos.

Parnahyba—1918.

Esteve entre nós, o Revmo. Padre Acylino
Portella, nosso distincto amigo, zeloso par-
cho da prospera cidade de Floriano, para
onde seguiu pelo vapor de 22 do corrente.

S. Rvma. hospedou-se, durante a sua per-
manencia nesta capital, no Palacio episcopal.

Noticiario

IMPENSA

Visitaram-nos pela primeira vez, as seguintes collegas que com agrado permutaremos:

- O POSTAL de S. Luiz—Maranhão
- OS SIMPLES de B. do Corda
- O BLOCO de Caxias
- JORNAL DE CAXIAS
- CORREIO DO CODÓ do Codó
- A ESCOVA de Ceará-Mirim no Rio G. do Norte.

Agradecemos sinceramente.

WALSA—No proximo numero publicaremos a RECORDAÇÃO DE ZULEIDE, letra do nosso collaborador TORRES COSTA.

Agentes d'«O Arrebol»

Communicaram-nos aceitar a agencia desta folha, os seguintes senhores:

João Ramos, em Parnahyba; Lincoln F. Guimarães, em Manaus (Amazonas); Francisco Beihante, em Fortaleza (Ceará); Constantino Nery Cabello, em Codó (Maranhão); Padre Aeyllino Portella, em Floriano e Francisco Atencar em Alto-Longá, ambos deste Estado, aos quaes, de já, damos plenos poderes para contratarem publicações, de accordo com os preços que iremos remetter.

Para S. Luiz, seguiu ha dias, o illustre Sr. Chrispim Maciel, digno Inspector do Consumo dalli. Dessemas lhe boa viagem.

AMERICA-CINEMA

Por motivo de força maior deixou de dar espectáculo na última quinta-feira, este nosso unico ponto de diversões, que para sanar esta falta, irá hoje deliciar a platêa com a exhibição do excepcional drama da vida real, intitulado «UM LORD S-TROLINA», dividido em cinco longas arrebatadoras partes.

A empresa avisa por nosso intermedio aos seus habitués, que por estar ainda acanado, deixa de estrear terça-feira proxima, o celebre magico professor Celso, que só o fará, logo que melhorar.

Para os Altos, seguiu ha dias, o nosso intelligente collaborador Moura Soares. Que faça boa viagem.

Festa de Propaganda

No nosso «4 de Setembro» foi projectado na tela do America-Cinema o magestoso drama «Entre as garras da paixão» em beneficio da Santa Casa, como dedicaram os promoven-tes, representantes e propagandistas do «Unguento Heroico» de Viuva Medina & Comp. do Blo de Janeiro; «Fabrica de Cigarros Iracema», de Philomeno Gomes & Filhos, do Ceará e da Companhia e Cervejaria Bohemia do Rio de Janeiro.

Esta festa, que foi a primeira que

vimos desse genero, consistiu, alem da projecção daquella magnifico, film, ainda, a distribuição de 2 premios para senhoras e 3 para homens.

O primeiro desses premios foi, 1 duzia de retrato no valor 50\$000 tirado no melhor atelier photographico desta capital. O segundo premio, consitiu n'um rico quadro «Ceia de Jesus» em alto relevo. O terceiro, o quarto e quinto respectivamente, foram, um pacote de Ungento Heroico, uma carteira de cigarro «Zita» e uma garrafa de cerveja «Bohemia». O espectáculo alem de ser honrado com a presença do Sr. Dr. Governador e altas auctoridades civis e militares, foi ainda de uma concorrência inimitavel. Terminada essa festa, os representantes desses artigos fizeram distribuição de diversos reclames e deixaram o nosso publico immensamente satisfeito.

Oxalá que todos os representantes e propagandistas que aqui chegaram imitem esses representantes.

«O Mensageiro.» — Circulará no proximo domingo, 3 de Março, este nosso colleguinha, iniciando neste dia a publicação de varios telegrammas, do Rio Recife, Pará e muitos outros Estados.

Para Fortaleza, seguiram pelo «Barão» a 20 deste, os illustres Srs. Herico Motta e Roque Mesiano, representantes e propagandistas das «Fabrica de Cigarros Iracema» e «Empresa Cinematographica Coarense». Boa viagem desejamos.



Professor CELSO

Já se encontra nesta capital, onde vem dar uma serie de espectáculo, este illustre artista que estampamos o retrato, director da fallada «Troupe Hispano Mexicana».

O professor Celso, já vem recommendado pelas principais folhas do mundo, como um celebre artista, e vem agora, fazer a confirmação do seu valor, com o seu trabalho admiravel de occultis-

mo, somnambulismo e outros.

Acompanha-o a sua exma. esposa Rainha de Andaluzia, a unica cognominada pela imprensa, como o «Canario Hespanhol.»

Esta troupe, segundo ao que ouvimos estreará na proxima quinta-feira, deixando de fazer antes essa estrêa unicamente por se achar enfermo, o snr Celso. Aguardamos pois o seu restabelecimento, e de já chamamos attenção dos nossos leitores para a estrêa, que será deffinitivamente na quinta-feira, salvo se continuar enfermo o mesmo artista.

Pelo ultimo vapor que desceu para Parnahyba, seguiu ao bordo, com destino ao Rio de Janeiro, o esforçado propagandista do UNGENTO HEROICO. Desejamos-lhe optima viagem e breve regresso, como aqui promettem a algumas pessoas.

CORAÇÃO QUE IMPLORA

WALSA

Imploro dos teus olhos compassivos
terno olhar
E dos teus labios roseos um sorriso
a me alentar
Das tuas mãos fidalgas de patricia
e de necada cor
Imploro uma caricia, um gesto de amor,
De tua bocca imploro uma palavra
de perdão
Se acaso te milindra esta singela
confissão
Na qual, eu a teus pés ajoelhado
fico a te adorar
E a graça desse affecto
em pranto a supplicar.

Vivo a carpir, a pedir sem cessar
Que se finde esta esquicança
Que me dês uma esperança
De talvez uma vez
Ver enfim palpitar
O teu seio de marfim
Por quem vice por te amar.

Que a derradeira prece,
De quem tanto te ama
E só por ti padece,
Um martyrio que não tem par
De affecto uma esmola

A mendigar
É um coração que implora
A' outro coração
Na febre que o devora
A propria vida que foge na dor
É a vida, é o proprio amor.

Impressor—B. Fonseca